

EDUCAÇÃO, ARTE E HISTÓRIA DA CULTURA

MESTRADO | DOUTORADO

Colóquio França no Brasil
8, 15 e 16 de setembro

**Entre Luzes e Sombras - A França no Brasil:
*modelos e contra-modelos***



APOIO



Apoiadores da exposição de selos



INSTITUTO PRESBITERIANO MACKENZIE

Dr. Adilson Vieira
Diretor Presidente
Prof. Solano Portela
Diretor de Planejamento e Finanças
Dr. Cleverson Pereira de Almeida
Diretor de Ensino e Desenvolvimento
Prof. MS. Gilson Alberto Novaes
Diretor de Administração e Gestão de Pessoas

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE

Augustus Nicodemus Gomes Lopes
Chanceler
Manassés Claudino Fonteles
Reitor
Pedro Ronzelli Jr.
Vice-Reitor
Ademar Pereira
Decano Acadêmico
Helena Bonito Couto Pereira
Decano de Extensão
Sandra Maria Dotto Stump
Decano de Pesquisa e Pós-Graduação
Marcos Rizolli
Coordenador de Pós-Graduação
Esmeralda Rizzo
Diretora do Centro de Comunicação e Letras
Jane de Almeida

Coordenadora do Programa de Pós Graduação em Educação, Arte e
História da Cultura

2009

Comissão Organizadora

Ingrid Hötte Ambrogi (UPM) - **Coordenação geral**
Jane de Almeida (UPM)
Silvia Capanema P. de Almeida (ARBRE)

Comissão Científica

Anais Fléchet (ARBRE-França)
Antônio Sérgio Alfredo Guimarães (FFLCH-USP)
Arnaldo Daraya Contier (EAHC-UPM)
Ingrid Hötte Ambrogi (EAHC-UPM)
Jane de Almeida (EAHC-UPM)
Martin Cesar Feijó (EAHC-UPM)
Maria Aparecida de Aquino (EAHC-UPM)
Marcos Rizolli (EAHC-UPM)
Paulo Roberto Araújo (EAHC-UPM)
Silvia Capanema P. de Almeida (ARBRE-França)

Secretaria e Apoio Técnico

Regiane Santana Silva
Marli Aulucci
Rose Gonçalves

Entidades Apoiadoras

Universidade Presbiteriana Mackenzie – UPM
Centro de Comunicação e Letras – UPM
Centro Histórico – UPM
Association pour la Recherche sur le Brésil en Europe – ARBRE
Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior –
CAPES
Federação Filatélica do Estado de São Paulo) FEFIESP
Associação Brasileira de Jornalistas Filatélicos) Abrajof/ Abrafite

Sociedade Filatélica - SSP
Correios Paulista

Apresentação

O Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie, em parceria com a ARBRE – *Association pour la Recherche sur le Brésil en Europe* – apresenta o colóquio *França Brasil, Entre Luzes e Sombras: modelos e contra-modelos*, que contempla comunicações, debates e mostra de cinema, buscando comemorar o ano da França no Brasil e especialmente revelando as interfaces de como um país percebe o outro.

Sob os valores do Iluminismo e da Revolução de 1789, a França foi pensada como um modelo de civilização. Pintores, escultores, arquitetos, escritores e poetas franceses marcaram o ambiente cultural brasileiro dos séculos XIX e XX. Contribuíram assim, para definir a fisionomia de cidades como o Rio de Janeiro e São Paulo. Mas tanto na Cidade Maravilhosa, quanto em outros lugares são inúmeros os indícios da presença francesa. O exemplo mais marcante no Rio continua sendo o Cristo Redentor, símbolo incomparável esculpido pelo artista Paul Landowski em seu ateliê de *Boulogne-Billancourt* na cidade de Paris.

Também as ciências francesas resplandeceram no Brasil desde o final do século XIX através da figura de médicos como Louis Pasteur, de inventores e desbravadores como Santos Dumont, de sociólogos como Roger Bastide, de antropólogos à imagem de Claude Lévi-Strauss, de historiadores como Henri Hauser e Fernand Braudel ou de filósofos como Jean-Paul Sartre que descobriu o país na companhia de Jorge Amado, no início dos anos 1960. Todavia, o olhar dos brasileiros sobre a França não se resume à lembrança da Declaração dos Direitos do Homem, nem ao prestígio cultural de Paris, a Cidade Luz. Desde o século XIX, a *francofobia* se mistura com a *francofilia* das elites brasileiras, como testemunham as caricaturas satíricas publicadas

na imprensa ilustrada, bem como os escritos fulgurantes de Monteiro Lobato e Lima Barreto na imprensa escrita, no momento em que o Brasil se envolve na Primeira Guerra Mundial. Também, na virada do século XIX para o XX, ao lado de letrados e artistas, a França costumava ser bastante conhecida por suas donas de bordel: cada prostíbulo se sentia na obrigação de poder oferecer aos seus clientes uma profissional do prazer “recém-chegada de Paris”.

Além do caso particular das mulheres, a cultura popular brasileira concebeu uma série de clichês, nem sempre lisonjeadores, sobre os franceses. Eles sempre são suspeitos de evitarem o banho, de terem o costume de usar perfume para esconder os maus cheiros provenientes da falta de higiene corporal, de serem pretensiosos, de fazerem *negócios afrancesados* ou de *saírem à francesa* na primeira ocasião.

A resposta ao exotismo dos brasileiros na França é o exotismo francês no Brasil, cuja ambigüidade está longe de resumir-se à simpatia artística, evocada incessantemente nas narrativas de viajantes e na correspondência diplomática. Assim, na ocasião do Ano da França no Brasil, desejamos questionar esse leque de representações, dando conta das dinâmicas complexas que atravessam os imaginários nacionais. Três manifestações destinadas a um público heterogêneo e à comunidade científica permitirão refletir sobre essas questões e projetar novas idéias sobre a presença francesa no Brasil.

O evento buscará aproximar as discussões entre os doutorandos, os mestrandos e os graduandos de múltiplas áreas do conhecimento.

Comissão organizadora

Programação

8 de setembro de 2009 (terça-feira)
Auditório: Rev. Wilson de Souza Lopes

16h Pré-abertura
Luis Felipe de Alencastro – (Sorbonne Paris IV)

15 de setembro de 2009 (terça-feira)
Auditório: Centro Histórico Prédio 1

9h Recepção dos participantes

Apresentação geral do evento
Sílvia Capanema (EHESS/Arbre), Ingrid Ambrogi (UPM), Jane de Almeida (UPM)

Abertura
Magnífico Reitor da Universidade Presbiteriana Mackenzie
Manassés Claudino Fonteles

9h30 Introdução
Olivier Compagnon (IHEAL/IUF/ARBRE) - *Imagens da França no Brasil: do modelo à caricatura* – síntese do simpósio na Casa de Rio Barbosa, Rio de Janeiro
Marcos Rizolli (UPM) – Considerações gerais sobre o evento no

Mackenzie.

Carlos Guilherme Mota (UPM) – Introdução

10h30-12h30 Mesa 1
O pensamento francês e o surgimento da nação brasileira: nacionalismo, modernismo e outros modelos

Sébastien Rozeaux (Université Lille 3/ARBRE): *Polémiques France/Brésil sous l'Empire et à la Belle Epoque : la naissance du nationalisme culturel brésilien au miroir de la France*

Olivier Compagnon (Université Paris 3 Sorbonne-Nouvelle/IUF/ARBRE): *La guerre, les Intellectuels et la question nationale*
Antônio Sérgio Alfredo Guimarães (USP): *A recepção de Franz Fanon no Brasil*
Debatedor: **Arnaldo Daraya Contier** (UPM)

Almoço

14h Abertura da Exposição de Selos

14h - Faces culturais de Brasil e França através da Filatelia
Denis Forte (UPM)
Maurício Melo Meneses (IPM)
Sérgio Marques (Abrajof/Abrafit)
Hall do Centro Histórico – Prédio 1

14h30-16h Mesa 2
A França da Belle Epoque : do modelo à caricatura

Ingrid Hötte Ambrogi (UPM): *À la française: a educação das elites paulistanas na Primeira República*
Sílvia Capanema P. de Almeida (EHESS/ARBRE): *Um sonho comum: invadir Paris – O humor brasileiro e a caricatura dos franceses durante a Primeira Guerra Mundial*
Debatedor: **Jane de Almeida** (UPM)

Café

16h30-18h Comunicações – 1 Coordenação: Ingrid Hötte Ambrogi (UPM)

Sousândrade, o poeta brasileiro que estudou em Paris

Tatiana Picosque

O Teatro do Absurdo e a dramaturgia francesa do pós-guerra: Diálogos e reverberações na cena brasileira de ontem e de hoje.

Francione Oliveira Carvalho

Ideias em trânsito: Influxos do pensamento francês na história oral brasileira

Ricardo Santhiago

Diderot e as mulheres

fabiana Tamizari e Paulo Jonas de Lima Piva

18h – Cinema: *O Homem do Sputnik* Centro Histórico

Vida do casal de caipiras, Anastácio e Deocliciana, vira "de pernas para o ar" depois que um satélite artificial, muito parecido com o Sputnik, cai no galinheiro de sua casa

Tempo de Duração: 98 minutos

Ano de Lançamento: 1959

Direção: Carlos Manga

Formato: DVD

19h30 Debate

Jane de Almeida (UPM) - Centro Histórico

16 de setembro de 2009 (quarta-feira)

9h-10h30 Comunicações – 2 Coordenação: Ingrid Hötte Ambrogi (UPM)

Pereira Passos e a *Belle Époque* tupiniquim: dos boulevares parisienses ao fregue carioca.

Sullivan Bernardo de Almeida

A ética e antropologia na construção dos valores culturais de um povo.

Fernando Henrique Cavalcante de Oliveira

Imagem e alteridade no Brasil do século XVI segundo as representações de Jean de Léry.

Christian Brially Tavares de Medeiros

O Jornalismo francês na contemporaneidade- uma análise dos jornais *Le Télégramme* e *Le Monde Diplomatique*.

Claudia S. Inaba Delalande

10h30-12h30 Mesa 03 A cultura francesa e a musicalidade brasileira

Arnaldo Contier (UPM): *Villa-Lobos* ("O Índio de Casaca") e *Claude Debussy*: *modernismo, impressionismo e primitivismo*.

Anaïs Fléchet (Université Paris IV Sorbonne/ARBRE): *Vou a Paris... Si tu vas à Rio. Attraction parisienne et exotisme carioca dans la chanson populaire du XXe siècle*.

Debatedor: **Paulo Roberto de Araujo** (UPM)

Almoço

Conclusões Gerais: Maria Aparecida de Aquino (UPM)

14h-15h30 Cinema: Orfeu Negro

Baseado na peça de Vinícius de Moraes, Orfeu (Breno Mello) apaixonou-se por Eurídice (Marpessa Dawn), uma jovem recém-chegada do interior. O interesse do rapaz desperta ciúmes em Mira (Lourdes de Oliveira).

Duração: 100 minutos

Direção: Marcel Camus

Ano de lançamento: 1959.

Formato: DVD

15h30 - Debate com Anaïs Fléchet – Centro Histórico

Café

16h30 – 18h00 Mesa 4 Imagens francesas no Brasil a la Belle Epoque.

José Geraldo Simões (UPM): *O ideário haussmanniano e sua difusão no Brasil: estudo de projetos urbanos para as capitais brasileiras no início da República.*

Heloisa Pires Lima (FFLCH-USP): *Uma Maranne negra no Brasil de Jean Baptiste Debret?*

Debatedor: **Silvia Capanema P. de Almeida** (ARBRE)

18h – 19h30 Mesa 5 A França dos modelos, viajantes e revoluções: circulações, cultura e poder

Marco Morel (UERJ): *Terra da tirania, Pátria das Luzes ou redemoinho da Revolução? Metamorfoses políticas e culturais da França para o Brasil.*

Lilia Moritz Schwarcz (USP): *Encontros e desencontros dos artistas franceses no Brasil de D. João*

Debatedor: **Martin César Feijó** (UPM)

Resumos dos trabalhos das mesas

Mesa 1

Sébastien Rozeaux (Université Lille 3/ARBRE)

Polémiques France/Brésil sous l'Empire et à la Belle Epoque : la naissance du nationalisme culturel brésilien au miroir de la France

Através da análise das principais polêmicas que agitaram os meios intelectuais brasileiros do século XIX, pretende-se mostrar que, mesmo permanecendo uma referência essencial de uma cultura e de uma literatura brasileiras em curso de formação e autonomização, a França incomoda tanto quanto seduz as elites culturais do Brasil.

Se a França encarna, portanto, um ideal de “Nação civilizada”, seus cidadãos e seus intelectuais são ao mesmo tempo objeto de críticas e condenações agudas que contribuem de maneira paradoxal para reforçar o orgulho da jovem nação sul-americana através da rejeição de uma filiação muito direta com a velha nação européia. O orgulho e a autoconfiança excessiva do olhar do viajante francês pelo Brasil são particularmente denunciados e estigmatizados, suscitando, como resposta, uma condenação que colabora com a ascensão de um “nacionalismo cultural” que não pode ser compreendido sem o prisma do olhar estrangeiro.

Olivier Compagnon (Université Paris 3 Sorbonne-Nouvelle/IUF/ARBRE)

La guerre, les Intellectuels et la question nationale

Esta comunicação propõe analisar a hipótese segundo a qual a Primeira Guerra Mundial marca uma ruptura no tempo longo das representações cruzadas entre a França e o Brasil. Como um prolongamento do século XIX, quando a maior parte das elites brasileiras estavam voltadas para a Europa

em geral e para Paris, em particular, procurando construir uma modernidade nacional, a Grande Guerra provoca, em um primeiro momento, reações de simpatia e de apoio à França. Mas o endurecimento do conflito e os questionamentos provocados por ele não demoram a destorcer essa *francofilia*: a guerra rapidamente revela uma situação de “suicídio da Europa” que tem como consequência a agonia, nas lamas das trincheiras, do modelo de civilização francês. Para muitos intelectuais brasileiros, parece ter chegado o momento de redescobrir os valores específicos do Brasil em busca de uma redefinição da identidade nacional. Verdadeira matriz do nacionalismo cultural do entre-guerras, como atestam diferentes intelectuais como Graça Aranha, Monteiro Lobato ou Alceu Amoroso Lima, essa rejeição à França e à Europa em decorrência da Primeira Guerra não é, entretanto, absoluta e merece ser analisada em suas nuances. Quais referências desaparecem e quais persistem? Em que medida os discursos produzidos na Europa sobre a “crise do espírito” continuam alimentando essa relação cultural secular?

Antônio Sérgio Alfredo Guimarães (USP)

A recepção de Franz Fanon no Brasil

Nesta fala, uso fontes bibliográficas e testemunhos para analisar a recepção de Franz Fanon pelo meio intelectual brasileiro, assim como sua influência sobre a formação de identidades negras. Enquanto observo uma recepção morna, argumento que isso se deveu a três fatores: primeiro, a especificidade da esquerda latino-americana nos anos 1960; em segundo, uma constituição racial e nacional totalmente oposta a conflitos raciais; e, em terceiro, o número reduzido nas universidades brasileiras de professores e pesquisadores negros que abordem a formação da identidade negra ou a afirmação de sujeitos racialmente oprimidos.

Mesa 2

Ingrid Hötte Ambrogi (UPM)

A la française: a educação das elites paulistanas na Primeira República

O presente trabalho trata-se de uma pesquisa documental a partir de bibliografia pesquisada em áreas como educação, história e periódicos educacionais de época, buscando através de um panorama o que as elites paulistas, idealizavam para a educação de seus filhos, no período e

consolidação da Primeira República. É recorrente a atribuição de elegância e distinção social ter modos e comportamentos franceses, tidos como civilizados, remetendo a idéia através desses de não pertencimento ao Brasil atrasado e provinciano. Falar francês, estudar em um liceu a moda francesa, era um meio de ser considerado civilizado, bem como passar temporadas no velho continente para higienizar os costumes e se atualizar quanto a moda, as leituras e os eventos sociais. Escolas monumentais, como a escola Caetano de Campos na cidade de São Paulo com *boulevards* em seu entorno, tornam-se ícones paulistas de educação, atendendo a uma certa elite intelectual. Para descortinar esse universo, autores como Ernani Silva Bruno, que retratou a cidade, assim como Affonso E. Taunay e Carlos Monarcha com seu estudo sobre a Escola da Praça, foram imprescindíveis. Periódicos como a Revista Escolar, esclareceram o cenário educacional da época. Constatou-se no estudo, que apesar de muito se evocar uma educação afrancesada, o que de fato se tinha era uma caricatura desta, com imitações de modos e trejeitos.

Silvia Capanema (EHESS, Université de La Rochelle)

Um sonho comum: invadir Paris – O humor brasileiro e a caricatura dos franceses durante a Primeira Guerra Mundial

A partir da análise da caricatura e dos textos humorísticos publicados sobre a Primeira Guerra Mundial na imprensa brasileira de grande circulação (*Fonfon, Careta, A Ilustração Brasileira, O Paiz, Correio da Manhã*, entre outros), pretende-se refletir em torno das imagens produzidas sobre a França e os franceses. Pesquisas demonstram que a experiência brasileira na Grande Guerra, bem como sua memória, merecem novos e atuais estudos e, mesmo que a recepção desse evento pela imprensa brasileira já tenha sido tratada, sua dimensão humorística e caricatural ainda não foi devidamente explorada.

Se na Europa a guerra de 1914-1918 foi vivida de forma bastante dramática, no Brasil, a distância dos conflitos favoreceu o aparecimento de uma abordagem humorística de importantes dimensões, produzindo visões estereotipadas e novos sentidos. Em uma charge publicada na revista *Careta* do dia 19 de setembro de 1914 (p. 23), vê-se um casal que dança. “Ela diz: - Meu sonho é ir a Paris. Ele diz: - O dos alemães também!” Provocando o riso em uma situação inusitada, que envolve tanto o imaginário das elites brasileiras quanto as distantes questões geopolíticas européias, esse exemplo nos incita a pensar sobre o momento em que o modelo se torna caricatura. A revista *Careta* também publica, entre 1917 e 1918, uma coluna semanal

intitulada “*Carète Economique : semainaire excessivement belliqueux: consacré aux interets du Brésil dans la grande guerre*” (sic). Essa seção provoca o riso com seus textos escritos em português afrancesado, mas quase não aborda a guerra, tratando, através da piada, da charge e do humor, de questões bem nacionais, como o carnaval, a sátira política local ou dicas de etiqueta ridicularizadas sobre como os convidados a um jantar devem se comportar, por exemplo. Criam-se, assim, espaços de humor que se concretizam através do uso de estereótipos e de inversões de imagens. A caricatura dos franceses produzida na imprensa brasileira durante a Primeira Guerra Mundial permite identificar não somente uma série de imagens e clichês construídos e em gestação sobre esse país europeu, mas também em que medida se desenha uma caricatura das elites brasileiras afrancesadas.

Mesa 3

Arnaldo Daraya Contier (USP/UPM)

Villa-Lobos (“O Índio de Casaca”) e Claude Debussy: modernismo, impressionismo e primitivismo.

A incorporação dos chamados primitivismos na música contemporânea refletia um momento peculiar da chamada música universal. Na França, os compositores impressionistas procuravam inspirar-se nas músicas de outros povos (do Extremo Oriente, sobretudo). Por exemplo, Claude Debussy (1862-1918) criticando o sistema tonal, introduziu em suas músicas modos orientais, como a escala javanesa, utilizada em sua obra “*Nuages*”. Na França, em especial, o intelectual começava a se desencantar com a sociedade burguesa; muitos compositores passaram a se opor à estética romântica, tentando situar, em suas peças, temas ou escalas de origem africana ou da Polinésia, por exemplo.

Heitor Villa-Lobos dialogava intensivamente com a obra de C. Debussy, vivenciava, por outro lado, com um cotidiano onde o primitivo era um dado cultural significativo- os chamados despossuídos ou excluídos sociais que viviam nos arrabaldes da cidade do Rio de Janeiro, de sorte que a música carnavalesca (os cordões), os maxixes, os choros, o samba, as polcas, as mazurcas, entre outros gêneros populares foram decisivos na formação desse compositor. A música popular urbana com a música erudita como dois aspectos de uma mesma linguagem é porque ambas manipulam as mesmas estruturas formais características da música do século XX, tanto na primeira como na segunda metade. Villa-Lobos utilizou os fonogramas pesquisados por Roquete Pinto entre os índios da região norte do Brasil. Em Paris, Villa-

Lobos omitiu esse tipo de pesquisa divulgando para os críticos e compositores franceses os seus levantamentos de materiais das tribos indígenas do Amazonas incorporadas em muitas de suas composições (“Kankikis”; “Kankukus”; “Choros no. 10”), entre outras. Por esse motivo foi muito elogiado pelos críticos franceses recebendo o codinome “Índio de Casaca”. O Autor de “Os choros” sentia orgulho de ser confundido com um silvícola ou primitivo...

De acordo com Gilberto Mendes, Villa Lobos utilizou procedimentos polítonais e polirrítmicos muito antes de ter entrado em contato com obras de autores europeus. Essa síntese entre o popular e o universal pode ser notada em obras como o “Uirapuru” (1917) e “Rudopoema”(1921), composições esteti-camente mais importantes, do que as apresentadas durante a Semana. Na obra “Uirapuru”, para grande orquestra, lançou mão, sem a menor cerimônia, de percussões populares como o coco, o reco-reco, tamborim.

O chamado modernismo musical envolvido com a temática do ideal de brasilidade retomou o mito romântico da figura do índio e, por outro lado, abordou temas ligados à tradição cultural mantida pelos negros durante séculos de escravidão. Paralelamente, a temática do primitivismo, presente em algumas obras de Claude Debussy, foi re-inventada por H. Villa-Lobos que conseguiu transpor para o plano simbólico toda a riqueza do cancionário popular urbano e rural dos anos 20 e 30.

A herança do Romantismo e do Impressionismo marcou a música francesa no período entre guerras. Muitos compositores, imbuídos de ideais nacionalistas, como Claude Debussy e Darius Milhaud, procuraram se afastar da música alemã, criticando a produção de Richard Wagner, por exemplo. No Brasil, a tradição da cultura francesa, enraizada desde o século XIX, contribuiu para a formação de Villa-Lobos, um ardoroso defensor da obra debussysta. A presença da cultura francesa no Brasil calcada no nacionalismo, primitivismo, exotismo colaborou para a não divulgação de outras tendências estéticas, durante as décadas de 1920 e 30, nas principais salas de concertos de São Paulo ou do Rio de Janeiro.

Anaís Fléchet (Université Paris IV Sorbonne/ARBRE)

Vou a Paris... Si tu vas à Rio. Attraction parisienne et exotisme carioca dans la chanson populaire du XXe siècle.

Desde o século XIX, Paris e seus habitantes ocupam um lugar especial no repertório da canção popular brasileira. Nas letras de polcas, maxixes e sambas de carnaval, a Cidade Luz surge e ressurgue como um destino

romântico e um lugar de prazer, onde o corpo e o álcool reinam absolutos, um símbolo do amor e um espaço de transgressão em que se realizam desejos dificilmente reveláveis.

No entanto, a introdução do Rio de Janeiro no repertório das canções francesas somente acontece alguns anos mais tarde. Se o Brasil já se encontra presente no famoso personagem do rico aventureiro brasileiro da opereta *La Vie Parisienne* de Offenbach, será preciso esperar o fim da Segunda Guerra Mundial e a propagação das danças latinas para que o nome do Rio se imponha definitivamente nas ondas sonoras e nos bailes populares franceses. O exotismo carioca passa a rimar com o erotismo da mulata brasileira, segundo uma lógica utilizada por diversos letristas franceses, da bossa nova à invenção da “nova canção francesa”. Essa combinação permite esquecer, durante o tempo de uma canção, os traumas do conflito e a rigidez dos costumes de uma época marcada pela moral pública e o pudor oficial. Esta comunicação propõe estudar, através de diferentes letras de canções, o lugar do Rio de Janeiro e de Paris no imaginário coletivo francês e brasileiro, insistindo na simetria do lugar simbólico similar atribuído às duas cidades, entendidas menos como protótipos da *civilização* ou da *selvageria* do que como lugares de prazer de infinitas possibilidades.

Mesa 4

José Geraldo Simões Jr. (UPM): *O ideário haussmanniano e sua difusão no Brasil: estudo de projetos urbanos para as capitais brasileiras no início da República.*

O trabalho explora o conceito de haussmannização, advindo da experiência urbanística paradigmática desenvolvida pelo prefeito Georges Eugène Haussmann na cidade de Paris entre 1853 e 1870, conhecida como "*Les Grands Travaux*". Apresenta um relato dos trabalhos por ele realizados, assim como um balanço das abordagens e definições sobre esse termo. Discute em que medida a haussmannização pode ser uma experiência exportável e mostra a abrangência da assimilação deste ideário em projetos de intervenção urbana realizados em cidades-capitais brasileiras entre 1900 e 1920.

Heloisa Pires Lima (FFLCH-USP): *Uma Maranne negra no Brasil de Jean Baptiste Debret?*

Uma Marianne negra no Brasil de Jean Baptiste Debret? Uma das imagens que compõe o retrato social disponível na obra *Voyage pittoresque et historique*

au Brésil (1834-1839) será o foco da exposição. Trata-se da mulher negra na estampa Pano de Boca (nº 49-vol. 3). Posicionada à esquerda do leitor da cena, a figura lembra o protótipo Marianne, símbolo da República francesa. A associação se deve, especialmente, ao adorno de cabeça. Seria um *bonnet phrygien*? Na França, a peça significando Liberdade foi código de adesão ao novo regime durante a Revolução (1789) e indumentária na alegoria nacional. Numa perspectiva antropológica, a representação dos habitantes negros no livro referido fornece elementos para discutirmos a aproximação, ou não, ao ícone francês. A imagem, isolada neste instante, é parte de um conjunto mais extenso de 155 estampas a identificar certo Brasil sob a autoridade de Jean Baptiste Debret que assina o título Oitocentista. Todavia, muitas das cenas, sobretudo as que se servem de figuras negras, permanecem a narrar o passado para os nossos dias. A presença impregnada de atemporalidade desafia para o seu inverso, ou seja, o contexto original da produção. Como o material resguarda uma rica memória da sociedade francesa acerca da brasileira, propomos o cotejo entre Mariannes daquela época e a imagem recolhida na lógica interna do compêndio. Recuperar sentidos nativos visa contribuir para o debate sobre identidades França/Brasil. Representação; negro; identidade.

Mesa 5

Marco Morel (UERJ): *Terra da tirania, Pátria das Luzes ou redemoinho da Revolução? Metamorfoses políticas e culturais da França para o Brasil*

Nos primeiros anos dos debates políticos em torno da formação do Estado e da Nação no Brasil, aqui situados nas décadas de 1820 / 30, a França era referência constante e incontornável, mas com registros multifacetados. Percebida ora como terra da tirania monárquica e absolutista, ora como fonte do redemoinho revolucionário e, acentadamente, como Pátria das Luzes e da Civilização, as apropriações dos exemplos franceses correspondiam não a um modelo homogêneo, mas a variados modelos relacionados a situações históricas e tendências diversas francesas que, por sua vez, eram ressignificadas de acordo com os diferentes contextos e desafios enfrentados pelos protagonistas no Brasil. A partir deste mosaico, é possível traçar as principais linhas destas metamorfoses de referências culturais e políticas ocorridas na travessia da França para o Brasil no período.

Lilia Moritz Schwarcz (USP): *Encontros e desencontros dos artistas franceses no Brasil de D. João.*

O objetivo desta palestra é, a partir da análise da trajetória e da obra de Nicolas-Antoine Taunay, entender como foi difícil o trabalho de tradução cultural empreendido pelos artistas franceses participantes da assim chamada "Missão artística francesa de 1816". Os trópicos eram difíceis, as cores não combinavam, e os motivos patrióticos não encontravam a mesma leitura e acolhida.

Resumos das Comunicações

Comunicações 1

Sousândrade, o poeta brasileiro que estudou em Paris

Tatiana Picosque

O poeta brasileiro Sousândrade (1833-1902) preferiu não percorrer o trajeto tradicional quanto à sua formação estudantil. Optou por se graduar em Letras na Universidade da Sorbonne além de cursar Engenharia de Minas, ambos em Paris. Seus contemporâneos, ao contrário, comumente escolhiam o curso de Direito em Coimbra, ou o da recém-criada Faculdade de Direito do Largo de São Francisco (1827) em São Paulo. A partir da lembrança desse fato curioso, pretendemos reviver a discussão suscitada em torno da importância desse poeta para a literatura brasileira. Até a metade do século XX, o escritor aparecia classificado entre os poetas "menores" do romantismo brasileiro. Com a revisão crítica promovida especialmente por Haroldo de Campos e Augusto de Campos sobre o lugar do poeta maranhense na história da literatura brasileira, assistiremos ao surgimento de um Sousândrade incompreendido em razão de procedimentos formais "estranhos" para a sua época. Na verdade, Sousândrade destoava da poética predominante em seu tempo, ou seja, do romantismo sentimental, efusivo e pueril. Em seu lugar, Sousândrade cultivava procedimentos que mais se assemelharão às práticas modernistas futuras e, não por acaso, em sua obra mais celebrada *O Guesa errante* encontraremos trechos que depreciam a poética praticada em sua época, a título de exemplo, a do poeta romântico

Alphonse de Lamartine, aliás, tão retomado por Álvares de Azevedo. Palavras-chave: Sousândrade; revisão crítica; romantismo brasileiro.

O Teatro do Absurdo e a dramaturgia francesa do pós-guerra: Diálogos e reverberações na cena brasileira de ontem e de hoje.

Francione Oliveira Carvalho

O Teatro do Absurdo e a dramaturgia francesa do pós-guerra: Diálogos e reverberações na cena brasileira de ontem e de hoje. Em 1961, o crítico Martin Esslin denominou de "Teatro do Absurdo" um grupo de dramaturgos que após a II Guerra Mundial produziram um tipo diferenciado de teatro. Desvinculados do realismo e da verossimilhança, dramaturgos como o irlandês Samuel Beckett (1906-1989), o romeno Eugène Ionesco (1909-1994) e o francês Jean Genet (1910-1986) tentaram mostrar em suas peças o fracasso da razão e do diálogo numa sociedade marcada pela falta de esperança na humanidade. As inovações e as problemáticas trazidas por esses dramaturgos, que se apropriaram da língua francesa para construir suas obras, tiveram impacto decisivo na cena contemporânea. No Brasil, ainda podemos perceber a herança dessas idéias nas encenações e nas obras de diversos dramaturgos e encenadores contem-porâneos. Palavras-Chave: Teatro do Absurdo. Drama-turgia francesa. Teatro brasileiro.

Idéias em trânsito: Influxos do pensamento francês na história oral brasileira

Ricardo Santhiago

A fundação do Programa de História Oral do Centro de Pesquisa e Documentação em História Contemporânea é frequentemente apontada como o marco inaugurador da história oral no Brasil. Contudo, pelo menos duas outras iniciativas intelectuais tiveram impacto na definição deste campo de estudo e pesquisa: as obras de Maria Isaura Pereira Queiroz e de Ecléa Bosi, fortemente influenciadas pelo pensamento francês consubstanciado na obra de autores como Daniel Bertaux, Maurice Halbwachs e Roger Bastide. Não apenas por seu caráter pioneiro, como também por sua influência em trabalhos posteriores, as obras das autoras brasileiras requalificam a noção de que as tendências intelectuais anglo-saxônicas predominam no campo brasileiro da história oral. Com a publicação do artigo "Histórias de Vida e Depoimentos Pessoais", em 1953, Queiroz instaura um modelo de filiação para trabalhos sociológicos baseado em depoimentos orais. Bosi, em 1973, com a primeira edição do livro "Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos" problematiza

Diderot e as mulheres

Fabiana Tamizari e Paulo Jonas de Lima Piva

Este trabalho tem por objetivo apresentar a concepção do feminino em Diderot, conforme visão defendida no texto *Sobre as mulheres*, publicado em 1772 e estabelecer vínculos deste olhar com a trilogia de diálogos que busca analisar e estabelecer os princípios morais da sua obra, a saber, *Suplemento à Viagem de Bougainville* ou diálogo entre *A e B*, *Isto não é um conto* e *Madame de La Carlière*. Para Diderot a mulher enfrenta um duplo desafio: uma constituição física frágil resultado da sua constituição natural, e uma situação social vexatória que a coloca sob o domínio masculino representado pelas figuras do pai, do marido e dos filhos. No campo físico, para Diderot, as mulheres foram desfavorecidas pela natureza, uma vez que enfrentam desafios para exercerem plenamente sua sexualidade, além de dificuldades ligadas à menstruação e a maternidade. Para Diderot a constituição estabelecida pela natureza não poderia ser alterada, mas a situação social sim. Para ele, junto ao sofrimento que a mulher enfrenta pela sua situação natural é acrescentado o sofrimento imposto pela sociedade, a qual rebaixa à condição de servidão, sem possibilidade de manifestar livremente a sua vontade. Com esse posicionamento, Diderot questiona pontos importantes da sociedade da sua época, onde o comportamento sexual da mulher determinava e decidia o lugar da mulher na sociedade, podendo ser visto como um grande avanço em defesa da mulher.

Comunicações 2

Pereira Passos e a Belle Époque tupiniquim: dos boulevares parisienses ao frege carioca.

Sullivan Bernardo de Almeida

Este estudo aponta o impacto provocado na sociedade carioca a partir de um projeto francês de urbanização implantado pelo então prefeito Pereira Passos, no início do século XX, na cidade do Rio de Janeiro. Vivido intensamente pela elite carioca, o período, conhecido como *belle époque*, foi marcado pela imitação de hábitos parisienses. Copiava-se tudo, sob a presunção de conferir àquela sociedade certo ar cosmopolita. As vielas deram lugar a amplas avenidas e praças decoradas em estilo *art nouveau*. A soberba de criar uma Paris tupiniquim, no entanto, não foi tão bem-sucedida assim. Enquanto as autoridades destruíam os cortiços, a população deles, durante a noite, construía com o entulho, as primeiras favelas nas

encostas dos morros próximos aos bairros elegantes. O projeto de embelezamento da urbe tropeça nos graves problemas de infra-estrutura: rede insuficiente de água e esgoto, coleta de lixo precária, cortiços super povoados e insalubridade generalizada. Nesse cenário, é convocado o médico e sanitarista Oswaldo Cruz com o objetivo de higienizar a cidade dentro do menor prazo possível. Desta forma, à mercê das decisões e ações políticas sobre a utilização do espaço urbano, o populacho foi afastado do seu *locus* em prol de um projeto de modernização que não contemplava o impacto produzido no meio ambiente, tão pouco, respeitava o senso de lugar daqueles miseráveis. Palavras-chaves: Pereira Passos, *belle époque*, Georges-Eugène Haussmann.

A ética e antropologia na construção dos valores culturais de um povo

Fernando Henrique Cavalcante de Oliveira

A ética em seus princípios, e principalmente, os costumes ou formas de habitar a morada, jamais foram isentos de polemicas. A busca de definir e realizar uma vida boa ocorreu e continua ocorrendo entre confronto e conflitos. A ética como a própria filosofia à qual está ligada, vive teimosamente na contramão da história, militando contra a irracionalidade dos mitos, contra o sofisma, contra o dogmatismo, contra o tecnicismo a-ético, contra a exploração incosequente da terra, contra as desigualdades e injustiças provocadas pela ambição, contra as incosequências do poder da ciência, contra as incertezas dos nossos conhecimentos e convicções. A caminhada da ética é a consciência humana construindo-se social e historicamente. Por isso, é processo e é mudança.

Imagem e alteridade no Brasil do século XVI segundo as representações de Jean de Léry.

Christian Brilly Tavares de Medeiros

Este trabalho se constitui em uma análise das representações imagéticas do índio tupinambá contidas na obra *Viagem à Terra do Brasil* do francês Jean de Léry publicada em 1578. Um viajante presente na primeira incursão francesa à terra do Brasil no século XVI, a chamada França Antártica, onde pelas imagens podemos conceber um olhar de admiração e respeito pelo habitante da nova terra. Tal ótica é aplicação prática do pensamento teológico do também francês João Calvino. O olhar humano e respeitoso de Jean de Léry nos fornece um parâmetro para o tempo presente. Palavras-Chave: Imagem, Alteridade, Teologia.

***O Jornalismo Francês na Contemporaneidade- uma análise dos jornais
Le Télégramme e Le Monde Diplomatique***

Claudia S. Inaba Delalande

Este trabalho analisa os jornais franceses *Le Monde Diplomatique* e *Le Télégramme*, situando-os no contexto dos desafios da imprensa contemporânea da França. O estudo destes periódicos tornou-se o tema da pesquisa por apresentar como características: a abordagem de uma proposta de jornalismo crítico e com repercussão mundial e, como contraponto, frente à globalização, um jornalismo regionalizado. O objetivo é investigar até que ponto os dois veículos se diferenciam da imprensa francesa de dimensão nacional, às voltas com o fim das grandes tiragens, e que tem sofrido uma crise econômica, já que boa parte dos jornais teve sua maioria acionária adquirida por grandes empresários franceses. A pesquisa analisa como o jornal *Le Monde Diplomatique* tem aplicado seu posicionamento crítico e reflexivo-analítico no fazer jornalístico. O trabalho reflete sobre a proposta do periódico e sua estrutura jornalística diante da mídia impressa contemporânea, através dos temas abordados e o espaço que permite para suas repercussões. A pesquisa estuda o jornal *Le Télégramme*, da região da Bretanha, no oeste francês, sob uma ótica mais próxima de uma proposta de jornalismo regional tradicional, investiga suas reformulações recentes e a modernização de conteúdos redacionais. O trabalho analisa o perfil editorial do periódico, que publica informações bem pontuais e locais, com cobertura minuciosa de todo o território que abrange, sob uma linguagem prática e rápida (imediatista), acompanhando o que o próprio jornal define como cobertura jornalística ligada à “pulsão da região”. Palavras-chave: Jornalismo contemporâneo, crise da imprensa francesa, globalização, regionalismo.